

## **REPRESENTAR PASSADO: TEMPO, MEMÓRIA E MODERNIDADE TARDIA**

Cristiano Pereira Alencar Arrais - UFMG

Este trabalho constitui-se em parte de um trabalho mais amplo que procura analisar as formas de elaboração dos regimes de historicidade no interior de contextos políticos conservadores em processo de modernização. Partindo da necessidade de compreender os elementos formadores das representações do tempo contidas nos produtos culturais de nossa sociedade, procuro identificar como o elemento político se apropria da relação passado/presente/futuro, e interfere na forma como as sociedades interpretam suas experiências coletivas. Neste momento, procuro apresentar uma análise que privilegie fundamentalmente as fontes relativas à construção de Belo Horizonte/MG cidade planejada, construída para ser a capital de seu estado e que funcionou como marco simbólico do regime político republicano há pouco instalado. Construída para ser o símbolo de uma nova era, marcada pela onda de modernização que atingia o País ao final do século XIX, a construção de Belo Horizonte e a transferência da Capital de Ouro Preto para aquele novo espaço urbano está diretamente associado ao universo ideológico republicano. A nova capital viria consagrar a obra da modernidade a que se referia o projeto político republicano, rompendo com o Império e ao mesmo tempo preservando a ordem e a unidade tão caras à Nação.

Ordem e unidade pareciam ser as palavras que conduziam os políticos locais, visto que a mudança de regime político não gerou grandes conflitos em Minas (como de resto em todo Brasil), mas um movimento de adesismo com a nomeação de Antônio Olinto como governador provisório até a chegada de Cesário Alvim a Ouro Preto. Nota-se que a construção de Belo Horizonte, não foi sustentada por uma enfática ruptura com o passado do tipo novo/velho, moderno/antigo, mas uma “recomposição do tempo histórico dentro de uma legitimação da justaposição tradição/futuro”<sup>1</sup>. Se por um lado o Império era identificado como um período de decadência (da mineração) e autoritarismo (do poder Moderador), o mundo colonial era preservado e idealizado,

visto que identificava-se com as revoltas contra a Coroa Portuguesa e os primeiros movimentos libertários<sup>2</sup>.

Neste trabalho, proponho examinar a construção do mundo social e do regime de historicidade de uma obra pseudo-histórica representativa da visão de mundo que cercou a construção daquela cidade. Para isto, dei ênfase ao trabalho ensaístico do periodista, literato e Padre Francisco Martins Dias, *Traços históricos e descritivos de Bello Horizonte*, publicado em 1897 e que procura reconstituir, via narrativa memorialista, o ambiente social no qual estava inserida a população de Curral d'El Rei e as principais transformações ocorridas no povoado com o processo de construção da nova capital mineira. Tal texto não tem uma qualidade específica de tratar fundamentalmente de interpretações que indiquem questões de cunho temporal. É preciso fazer, entretanto, duas observações importantes a esse respeito. Primeiro que não existem, necessariamente, fontes privilegiadas que tratem exclusivamente dos problemas relacionados ao senso temporal. Nesse sentido, qualquer acontecimento histórico deve encerrar qualidades temporais tanto em sua realização como em sua recepção (permanência, tensão do decurso, aceleração do acontecimento), visto que explícitos sob a forma narrativa. Mas é também importante notar que o *antes* o e *depois* constituem o horizonte de sentido de uma narração, o que nos conduz às contribuições da tese narrativista de Paul Ricoeur de que não existe tempo que não é narrado, visto que a narrativa é a condição de possibilidade de existência de um tempo que possa ser não somente sentido, mas também mensurado<sup>3</sup>.

## **O PRESENTE COMO SOLUÇÃO DA DICOTOMIA ENTRE MEMÓRIA E EXPECTATIVA**

A relação entre passado, presente e futuro, que caminha no sentido de um distanciamento e aproximação entre memória e expectativa pode ser observada na obra do padre Francisco Martins Dias. Tornando identificável, através de seu interesse sobre o decurso temporal, a visão de mundo de estruturas sociais conservadoras que passam por um processo de modernização<sup>4</sup>.

Nesse sentido, os registros lingüísticos utilizados pelo padre Francisco Martins Dias, principalmente, que preservam um conteúdo de experiência temporal são representativos não só de sua visão de mundo, de sua localização social no presente, mas das expectativas e frustrações

desse mesmo grupo. No caso específico de que tratamos, o elo entre memória individual e memória coletiva será construído exatamente pela identidade narrativa que fortifica as lembranças e insere os indivíduos num tempo e numa ação coletivos. Ora, mesmo que a visão de mundo do padre Dias apresente uma ênfase demasiadamente apegada ao campo religioso, é possível identificar as matrizes sociais que dão fundamento àquela visão de mundo coerente com o ambiente político dominante no contexto da construção de Belo Horizonte<sup>5</sup>.

Através de seu interesse pelo passado de Belo Horizonte, podemos observar a tentativa de preservação de uma determinada memória que priorizasse a positividade do passado. Tal necessidade de preservar esta positividade está expressa em diversos aspectos, como por exemplo, no estabelecimento da ancestralidade da ocupação do sítio de Curral D'El Rei, em seu vínculo com a tradição bandeirante e no tratamento da oralidade como mecanismo de reforço e argumento em favor daquela positividade passada<sup>6</sup>.

Tal autoridade necessária para fundamentar o passado está manifesta na estratégia organizadora utilizada pela memória do grupo a quem pertence o padre Dias. É esta tradição que, ao ser produzida a partir dos rituais descritos pelo clérigo (parte do mecanismo que garante a integridade da tradição através de uma ação prática, conseguida num contínuo trabalho de reinterpretação que relaciona presente e passado) produz uma “noção formular de verdade” através de seus “guardiões”<sup>7</sup>.

Nesse sentido, o padre Dias tomou para si as funções de guardião de laços de solidariedade que, segundo observava, estava fadada à dissolução. Repositório das tradições, e, além disso, revestido do caráter sacro do sacerdócio, os *Traços históricos e Descritivos de Bello Horizonte* revestira-se da autoridade testemunhal de um tempo que não mais existia e que, apesar de não poder ser restituído no presente, estava na origem de seu futuro. Incorporara, portanto um conteúdo emocional e normativo ou moral ao seu discurso, o que proporcionou uma base integrativa entre seu discurso e a realidade da construção da nova capital.

A ênfase na moral e nos costumes do antigo povoado (apego ao trabalho, religiosidade, festas e comemorações) tem a função de aproximar a memória, a experiência passada de um presente que escapa em reconhece-lo como seu, num clima de nostalgia: “aqui era um compadre

que oferecia a seu compadre, para comprar para carro, uma boiada de *pegar p'ra sahir* (como diziam); de uma bonita novilha que eles diziam uma *tetéia*". Mais do que simples termos, tais locuções são representativas de um tipo de sociabilidade típica das pequenas comunidades. Para Simmel, esse tipo de sociedade apresenta alguns aspectos que as torna diferente do tipo de vida social nas cidades modernas, tais como a lentidão da percepção sensorial dos objetos materiais, a uniformidade do ritmo da vida cotidiana, o aprofundamento da vida psíquica coletiva através da intensificação emocional dos relacionamentos sociais, a utilização dos meios de produção como intermediário no estabelecimento de relações sociais entre produtor e consumidor etc<sup>8</sup>.

Qualquer tipo de mudança qualitativa ou quantitativa romperia aquela estrutura, baseada numa estabilidade precária. No caso de Curral d'El Rei, essa mudança deu-se através das transformações ocorridas dentro de seu próprio sítio. Esse é um fator importante visto que não somente nas pequenas comunidades, mas também na própria cidade moderna, o espaço habitado é constituinte da personalidade do indivíduo, visto que fornece uma espécie de equilíbrio gerado pela imagem de permanência e estabilidade dos objetos materiais ao seu redor.

Ao recorrer aos conceitos que identificam um tipo de sociabilidade não mais inexistente, padre Dias estabelece uma relação necessariamente saudosa com o passado. Essa superestimação do passado, entretanto, baseada na pretensa idéia de que o que é antigo é necessariamente bom relaciona-se somente a determinados nichos do passado. As relações de produção encontradas nos registros lingüísticos (*pegar para sahir* e *tetéia*, por exemplo, são expressões utilizadas dentro de uma relação de troca comercial) funcionam também como instrumento daquele tipo de conhecimento social acima descrito. Não é a toa que outro termo utilizado é *compadre*: trata-se, portanto, de mais do que uma relação comercial entre indivíduos, é uma relação de convivência entre cidadãos de uma mesma classe, procedência e comunidade de destino. Demarca por outro lado a associação entre passado e futuro no presente, através de uma estratégia narrativa que recorre à memória para posicionar o passado no interior de uma idéia de repositório e origem da positividade presente representada pela nova capital. Por isso, como nos lembra Lowenthal, a nostalgia é "a memória com a dor excluída. A dor está no presente", num presente de grandes mudanças que incitam as recordações dos tempos passados<sup>9</sup>. Mas também

porque, através daquela linguagem, padre Dias conserva e reaviva uma imagem que as gerações que lhe serão posteriores terão daquele tempo.

A dissociação temporal é produzida ao tratar da política. Ao levantar a hipótese de que o sítio da nova capital fosse patrimônio da igreja, perdido ou esquecido com o passar dos anos e indevidamente apropriado por particulares, padre Dias identifica os culpados. Segundo ele,

foram os astutos mandões e os régulos dos tempos idos, que, abusando da simplicidade do povo, e da timidez ou desleixo do parócho, com artimanhas e trapaças, lançavam mãos sacrílegas no que à igreja pertencia, e daí iam se sucedendo as transmissões até os presentes proprietários, que possuíam verdadeiros títulos justo-presumidos, que em direito, em virtude do lapso de tempo, são valiosos. (p. 44)

Nesse sentido, reforça mais uma das características da visão de mundo do padre Dias, a condenação da dinâmica política anterior à República, a Monarquia. Ao estabelecer, dentro do campo político, o passado com terreno de domínio oligárquico, e o presente dominado por um estado de direito, um governo, “honrado e sensato”, estabelece-se uma oposição, não só entre duas formas de mando, através de conceitos assimetricamente contrários, mas também de tempos opostos.

Estabelece-se, portanto, uma clara distancia temporal entre passado e presente, distendendo-a cada vez mais, até que o presente acabe por dissociar completamente passado e futuro, e concebendo assim um tempo histórico experimentado como novidade. “Quem pensaria – já não direi ‘diria’ – que o velho, podre, humilde e decadente Curral d’El Rei havia de, em tão rápido vôo, elevar-se a altura em que hoje o vemos, e ainda, de mais a mais, tendo diante de si um futuro tão risonho e brilhante!” (p. 107). Ocorre, portanto, uma distensão em relação ao futuro, derivada da velocidade das mudanças experimentadas. Rerefe-se nesse sentido à constante dissolução do presente em função de uma expectativa sempre renovada. Benjamim caracteriza esse tempo como uma transfiguração do eterno retorno típico da modernidade<sup>10</sup>. Mas quando padre Dias retoma à nostalgia de um tempo anterior, de ordem e harmonia, está reconhecendo também os paradoxos do tempo que vão além das antinomias relacionadas à perda de significado derivadas da modernidade.<sup>11</sup>

Não mais existia na época da publicação de *Traços históricos e descritivos de Bello Horizonte*, o povoado de Curral d'El Rey. Mas a continuidade temporal entre o antigo e o novo foi sistematicamente explorada pelo padre Francisco Martins Dias. E, além disso, sustentada, seja através de artefatos que sobreviveram às transformações no plano urbano, ou contíguos ao mesmo, sob a forma de relíquia, ou então através dos fatos lingüísticos que constroem a perspectiva de um presente passado (sentido de duração) que vai sendo consumido por um futuro passado (sentido de novidade).<sup>12</sup> A consciência do “não mais” produzido a partir da fusão entre tais campos da experiência é aqui um indicio de um movimento concreto, não apenas um estilo de retórica, ou um recurso lingüístico. Ultrapassa-o e agrega-se na memória e na percepção da experiência temporal do padre Dias porque também promove essa dissociação cada vez maior entre presente e futuro, entre memória e expectativa a partir do presente:

Era (digo era, porque hoje a população se baralhou com a onda do povo recémchegado para os serviços da nova capital, como uma gota de vinho se confunde no oceano, ou se dispersou para os arrabaldes da freguezia) era um povo laborioso e trabalhador. (p. 29)  
(...) dizemos *havia* e não *há*, porque [a capela consagrada a Sant'Anna] foi já demolida pela comissão constructora da nova capital (p. 47).

Tal movimento apontava para um processo de racionalização das relações sociais, que seriam impostas via construção da nova capital. Tal processo de modernização exigia, portanto, a dissolução dos antigos padrões econômicos e sociais, como bem percebeu padre Dias. Essa nova dinâmica produtiva, voltada para o círculo do comércio, proveniente da construção da nova capital mineira foi sentida por padre Dias: “E não era isso em data mui remota: e entretante hoje com um tostão não se compra mais de duas laranjas das que com elle, naquelle tempo se alcançavam tinta!” (p. 33)

A percepção deste tipo novo de racionalidade está expressa no tratamento dispensado aos indivíduos mais importantes de Curral d'El Rei por parte do engenheiro Aarão Reis: “mais de uma vez ouvimos-o dizer, é verdade, que não queria nenhum dos antigos habitantes de Bello Horizonte dentro da área urbana ou suburbana traçada para a nova cidade, e que tratasse o povo de ir se retirando” (p. 84).

Finalmente, essa perspectiva de um decurso temporal que aponta constantemente para o progresso é típico de um período em que a história era concebida ao mesmo tempo como receptáculo das experiências alheias e instrução para o presente (*Historia Magistrae Vitae*) e como possuidora de uma capacidade de julgamento imanente – como o fez no caso da escolha de Curral d’El Rei para o local da nova capital – mas também como determinante do futuro. Por isso padre Dias pode levantar prognósticos e profecias acerca dos anos futuros. Aos homens do presente, o clérigo evoca, dentro do campo da profecia, a necessária realização da obra da nova capital no sítio do Curral d’El Rei. É também sob a fórmula de profecia que reflete sobre os homens e o tempo em que estava situado: “*tempora mutantur ... et homines cum illis!*” (p. 34). O tempo muda e o homem com ele: dessa forma, o presente é concebido como um conjunto de símbolos que anunciam um porvir. Na maioria das ocasiões, este porvir está localizado fora do tempo, ou determina a dissolução do tempo presente, tal como pode ser observada nas doutrinas milenaristas e quiliastas, como o joaquinismo, mas também nas profecias feitas por Antônio Conselheiro. A certeza, dentro de seu grupo de fiéis, de uma consumação futura que garante a sua eficácia no presente. Por isso padre Dias, em sua pregação em comemoração a escolha de Curral d’El Rei para nova sede do poder estadual anuncia a entrada do “espírito do erro, da impiedade e da mentira” (p. 76) que poderia misturar o joio, a erva daninha e o trigo.

Mas encontra-se a narrativa de padre Dias inserida no campo do prognóstico visto que ela produz o tempo que narra, ao projetar para dentro e ao mesmo tempo para a construção de um depois (futuridade). Nesse sentido, o tempo aqui construído não é o do sempre igual cristão, mas absorvido pela idéia de uma novidade contínua, visto que revela ao presente o futuro, e condiciona seu horizonte de expectativa.

Antevíamos que aquelle povo, que tão desalentado se retirava do centro da povoação, ia levar alguma vida ás incultas cercanias do arraial (...)

E foi o que se deu, com hoje se vê.

Mal haverá dous annos que os logarres denominados Calafate e Piteiras eram uma verdadeira solidão, onde não se encontravam mais que meia dúzia de casebre disseminados aqui e acolá – e hoje aquelles logares já se ostentam com alguma animação e contam approximadamente 60 habitações (...) Cachoeira, João Cralos, Bento Pires e Cardosos estão no mesmo caso que Calafate e Piteiras, não, porem, tão habitado como estes dous últimos. (p. 86)

Sendo antecipação do futuro, o prognóstico carrega consigo a idéia de um *continuum* evolutivo que dirige-se para o progresso. Não se afasta porém do passado, visto que trabalha com a idéia de que a história é a garantia de uma continuidade que funde o passado com o futuro. Esse tipo de fusão é reforçada na data escolhida para os festejos inaugurais da nova capital mineira, o 7 de setembro. Na escolha desse dia que tornaria-se marco de fundação e sagração de Belo Horizonte, reuniram-se duas modalidades da experiência temporal a *simultaneidade do anacronismo e a repetibilidade dos acontecimentos*<sup>13</sup>. Reforçada ainda mais com a escolha de um frei capuchino para conduzir a primeira missa, “pela memória da primeira missa celebrada em brasileiras terras” (p.100) – numa lúcida estratégia de composição do tempo que submetia o passado às necessidades históricas do presente.

---

<sup>1</sup> MELLO, C. F. B. “A noiva do trabalho: uma capital para a República”. In.: DUTRA, E. F. (org.) *.BH: horizontes históricos*. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 1996, p. 13.

<sup>2</sup> JULIÃO, L. “Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920)”. In.: DUTRA, E. F. *BH: horizontes históricos*. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 1996. CARVALHO, J. M. *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. RESENDE, M. E. L. *Formação da estrutura de dominação em Minas Gerais: um novo PRM*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1982.

<sup>3</sup> RICOEUR, P. *Tempo e Narrativa* (Tomo I). Campinas, SP: Papyrus, 1994.

<sup>4</sup> “os conceitos abarcam conteúdos sociais e políticos, mas sua função semântica, sua capacidade de direção não é dedutível somente aos fatos sociais e políticos a que se referem. Um conceito não é somente indicador dos contextos que engloba, também é seu fator. Com cada conceito estabelecem determinados horizontes, mas também limites para a experiência possível e para a teoria concebível.” KOSELLECK, R. *Futuro passado: para uma semântica de los tiempos históricos*, Barcelona: Paídos Básica, 1998, p. 118.

<sup>5</sup> Esse conservadorismo estava também mediado por uma ordem política estreitamente relacionada com a dinâmica política nacional. Um dos sustentáculos da ordem monárquica, Wirth (1975) assim define o tipo de política existente em Minas no período de transição para a República: “Habilíssimos no jogo dos legisladores de transigências e manobras, os mineiros dirigiram o Congresso durante quase todo esse período [1889-1937]. Ocuparam por três vezes a presidência federal e se comprazeram em representar o papel de fazedores de reis. Sempre estiveram representados no ministério. Na República Velha, a máquina política estadual (PRM), felicíssima adaptação do *coronelismo*, política do patrono-cliente, tinha a dirigi-la os chefes rurais e a orquestra-la os ocupantes do palácio do governo estadual”. Além disso, existia uma elite política intimamente unida ao estado. “Em sua maior parte, essa elite se socializara numas poucas e conhecidas escolas secundárias e faculdade de ensino superior. (...) Advogados e profissionais liberais dominaram o PRM, como tinham dominado os velhos partidos imperiais, mas estavam bem integrados numa sociedade esmagadoramente agrária”. Os conflitos políticos de grande envergadura eram pouco prováveis dentro de um grupo que estava ligado por extensos laços familiares, como indicou Horta (1979), e de cooptação aos outros grupos sociais, através do “clientelismo”. Fenômeno este facilitado por uma população predominantemente rural que, além disso, facilitava a continuidade de certos nomes de famílias. Além disso, estudos recentes indicam a estruturação de um determinado *habitus* de classe, subentendido através das práticas políticas das elites mineiras. A comparação entre as práticas políticas de regiões economicamente tão díspares como a Zona da Mata e a Região Norte aponta para uma relativa sintonia de interesses. Em Juiz de Fora, por exemplo, Goldwin Jr (1996) procurou seguir a trajetória das elites políticas locais, cujo interesse na definição de um discurso modernizante sobre a cidade que, por um lado reforça a diferenciação entre grandes proprietários e a população mais pobre e por outro, funcionava como sustentáculo da sua dominação através de uma preocupação com o projeto de embelezamento urbano que tinha como um de seus principais elementos o controle da paisagem humana. Na região de Montes Claros, por outro lado, Porto (2002) conseguiu aproximar os principais elementos da cultura política local, do início da República, quais sejam, a violência, o personalismo e o paternalismo, a um discurso modernizador, através da capitalização da imagem do saber médico e da associação a acontecimentos de cunho progressista, como a chegada dos trilhos da estrada de ferro no município. Aproximação essa que dentro de uma estrutura sócio-econômica de miséria, exclusão e relativo isolamento dos poderes centrais, favoreceram a construção de um capital simbólico que garantiu ao mesmo tempo a imagem modernizante e a prática política baseada no mandonismo, na privatização da burocracia, no bacharelismo e na exclusão política. HORTA, C. R. “Famílias governamentais de Minas Gerais”, in.: *Segundo seminário de estudos mineiros*, Belo Horizonte: UFMG, 1979; PORTO, C. H. Q. *Paternalismo, poder privado e violência: o campo político norte-mineiro durante a Primeira República*. Belo Horizonte: UFMG, 2002; GOODWIN JR., J. W. *A princesa de Minas: a construção de uma*



*identidade pelas elites juizforanas*, Belo Horizonte: UFMG, 1996. WHIRT, J. “Minas e a nação: um estudo de poder e dependência regional”, in.: FAUSTO, B. *História da Civiização Brasileira*, TIII, São Paulo: Difel, 1977, p. 77.

<sup>6</sup> “Por esses tempos [1573], já de volta de suas explorações no Serro do Frio aonde o levara a fama de suas esmeraldas, Fernando Dias Paes, cuja ambição não era satisfeita pelos resultados de suas aventuras, estabeleceu-se, com seu genro Manoel de Borba Gato, nas pittorescas margens do Guiaxim (na língua indiana) hoje conhecido pelo nome de Rio das Velhas. Sendo ainda por esses tempos já descobertas as faisqueiras de Sabará, e manifestada, entretanto, ao governador da capitania de São Paulo, somente por volta de 1700, visto que Borba Gato desejava obter o perdão do crime de assassinato do governador D. Rodrigo, àquele imputado”. Habitada e visitada por Borba Gato e sua comitiva a região de Sabará, lógico seria que o vizinho sítio de Curral d’El Rei já fosse conhecido e visitado naquele mesmo período, segundo padre Dias. (p.11)

<sup>7</sup> Estreitamente relacionada a uma noção particular do tempo e do espaço (através de contextos de origem que unem o passado ao futuro antecipado, e espaços fundadores identificados com certa sacralidade, ressaltados nos rituais e costumes), a tradição produz um corte muito claro entre aqueles que são “de dentro” e os que são “de fora” de suas orientações existenciais. O objetivo aqui é produzir e reproduzir um discurso autorizado sobre a identidade do grupo, proporcionando um horizonte de ação relativamente fixo. O que significa não uma tendência para a inércia, mas para processos ativos de reconstrução social, particularmente filtrados por seus guardiões, mas que preserva a idéia de hereditariedade, de um valor naturalmente permanente, essencialista sobre a vida. Por isso, ao mesmo tempo em que aparentemente possui certo conservadorismo, uma sociedade vinculada a padrões tradicionais é também incorporadora dos fenômenos sociais do presente, através, principalmente, dos possuidores do monopólio da sua interpretação. BECK, U., GIDDENS, A., LASH, S. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Editora Unesp, 1997, p. 100.

<sup>8</sup> SENNETT, R. *Classic essays on the culture of cities*. New Jersey: Prentice-hall, 1969.

<sup>9</sup> “The great changes of the times had made nostalgia pervasive. Revolutionary upheaval sundered past from present; after the guillotine and Napoleón the previous world seemed irretrievably remote – hence to many doubly dear. Industrialization and forced migration pushed millions into locales radically unlike those of their childhood. Romantics sheltered from devastating change in remembered or invented images of earlier times.” Cf. LOWENTHAL, D. *The past is foreign country*, Cambridge University Press, 1997, p. 08.

<sup>10</sup> BENJAMIM, W. *Obras escolhidas*, São Paulo: Brasiliense, 1989.

<sup>11</sup> RICOEUR, P. Op. Cit. P. 112.

<sup>12</sup> ZAMMITO, J. “Koselleck’s philosophy of historical time(s) and the practice of history”. In.: *History and Theory*, Vol. 43. February, 2004.

<sup>13</sup> A noção de *repetibilidade dos acontecimentos* é criada através da suposição da identidade de dois eventos, ou do retorno de conjunturas: Marx brincava com tal noção na abertura de seu *18 de Brumário de Luiz Bonaparte* ao apontar a ocorrência dupla de um mesmo evento e indivíduo na história, “a primeira como tragédia, a segunda como farsa”. A modalidade de experiência temporal baseada na *simultaneidade do anacronismo* trabalha com a distinção de percepções sobre a duração do tempo segundo os distintos sujeitos partícipes de um evento, como no caso das distintas intensidades de relatos sobre uma experiência de guerra comum a dois soldados. Cf. Koselleck, R. Op. Cit.